

A REPRESENTAÇÃO DOS EXCÊNTRICOS NO NOVO ROMANCE HISTÓRICO CONTEMPORÂNEO: UMA LEITURA DOS ROMANCES *A REPÚBLICA DOS BUGRES* E *CONSPIRAÇÃO BARROCA*, DE RUY REIS TAPIOCA

CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA

U. Federal de Santa Catarina / CAPES, literariocris@hotmail.com.

Alguns pressupostos¹

O que realmente gostaria de destacar é que o romance é ‘tocado’ e ‘contado’ por personagens despossuídos de toda sorte. Sempre tive a intenção de contar a história na perspectiva dos desvalidos.

(TAPIOCA, 2005: 260)

A investigação que se segue pretende averiguar como ocorre a representação dos excluídos e excêntricos no novo romance histórico brasileiro nas últimas décadas, especialmente nos romances *A República dos Bugres* (1999) e *Conspiração Barroca* (2008), de Ruy Reis Tapioca². Interessa-nos saber como é apresentada essa manifestação estética e contextual

¹ Gostaria de prestar os devidos agradecimentos à doutoranda Fernanda Lima Jardim Miara (PPGL-UFSC) pela leitura atenta e posterior interlocução.

² Romancista dedicado, escritor de sete romances, intelectual curioso voltado a apresentar as incongruências da nação brasileira via ficção, Ruy Tapioca não faz questão de aparecer em grandes feiras literárias e é avesso a entrevistas literárias, redes sociais, rodas de leituras, evitando aparições em público. Esta é nossa proposta ao delinear o retrato geral desse autor protagonista: enquanto romancista histórico procura radiografar o Brasil desde o século XVI ao século XXI e, sobretudo, investigar e galvanizar os distintos emaranhados de suas principais influências literárias – ou seja, sua biblioteca particular. De igual modo, não podemos deixar de mencionar a quantidade de prêmios literários que o escritor recebeu durante sua curta carreira de escritor. Em 1999, com o livro *A República dos Bugres* ganhou o Prêmio Guimarães Rosa, concedido pelo governo do Estado de Minas Gerais, e ainda o Prêmio da Biblioteca Nacional e da União Brasileira dos Escritores; no ano de 2008, com o romance inédito *Conspiração Barroca*, publicado apenas em Portugal, ganhou o prêmio do Concurso Nacional

– excluídos, marginalizados, bastardos, degradados, degredados –, durante o desenrolar dos eventos e da trama narrativa histórica. Diante do exposto, é possível afirmar que o conjunto desses sujeitos anônimos foi ganhando espaço na literatura brasileira das últimas décadas, em particular após a inserção de novos romances históricos a partir do ano de 1985.³ Em questão, o trabalho faz parte da atual pesquisa de doutorado, que submetemos no ano de 2012, e está vinculada à linha de estudo Literatura e Memória e à área de concentração Literatura Brasileira, do curso de Pós-Graduação em Literaturas da Universidade Federal de Santa Catarina. É importante frisar que tal pesquisa desenvolve-se por discussões problemáticas interdisciplinares entre a história e a literatura, condicionando uma respectiva unidade reflexiva ao longo do texto, visando superar as consequentes compartimentações já tão conhecidas no ambiente acadêmico. Tomamos como pressuposto teórico leituras-base para realização das considerações estabelecidas: Hutcheon (1991), Lukács (2010), Spivak (2010), entre outros necessários para contemplação do tema proposto.

O romance *A República dos Bugres*, publicado em território brasileiro no ano de 1999 pela editora carioca Rocco, representa o engajamento literário de Tapioca no meio cultural brasileiro. Conforme anuncia o autor, o livro foi escrito na cidade do Rio de Janeiro, entre os meses de fevereiro de 1995 e junho de 1998. A orelha crítica redigida por Antônio Torres diagnostica o enredo do romance, ensejando algumas correlações literárias consultadas por Tapioca e atesta que o romance foi vencedor de três prêmios literários na categoria de ‘romance’, a saber, Guimarães Rosa (Minas de Cultura) de romance, de 1998, Octavio de Faria, de romance, da União Brasileira de Escritores, 1998, Biblioteca Nacional, para romances em andamento, 1997, e Prêmio Literário Cidade do Recife, Ficção, 1998 (men-

de Literatura Cidade de Belo Horizonte; em 2008 e 2009, com o livro *O Senhor da Palavra*, venceu o Prêmio Nacional Cruz e Souza, da Fundação Catarinense de Cultura, de Florianópolis. Em 2013, recebeu o Prêmio Orlando Gonçalves, da Cidade de Amadora (Portugal) e o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, com o romance *Personae*, em que narra a vida do poeta português Fernando Pessoa.

³ É curioso notarmos que frente a essa realidade acima apontada, a abertura democrática posterior ao governo militar decorrente das décadas de 1960, 1970 e início de 1980, permitiu alargar o espaço editorial das novas publicações de romances históricos no Brasil, que cresceu exponencialmente. Assim, a abertura política comprovou que muitos escritores, editoras e o mercado do leitor consumidor foram amalgamando novas perspectivas ao «sistema literário» (nos moldes das formulações de Antonio Candido), do romance histórico, se assim podemos dizer. Boa parte desses romances publicados no ano de transição política entre os governos presidenciais de João Figueiredo (1979-1985), o falecido ex-presidente Tancredo Neves (1985) e José Sarney (1985-1990), visava um novo despertar histórico-cultural não satisfeito na década de 1970. A título de exemplo, considerem-se casos como os de *O colono de judeu açu* (1985), de Adão Voloch, *A guerra dos farrapos* (1985), de Alcyl J. V. Cheuiche, *Villegaignon, o rei do Brasil* (1985), de Chermont de Brito, *A breve jornada de D. Cristóbal* (1985), de Gastão Holanda, *Dona Leonor Teles* (1985), de Heloísa Maranhão, *As virtudes da casa* (1985), de Luís Antônio de Assis Brasil, *O quatrilha* (1985), de José Clemente Pozenato, *O planalto: romance de São Paulo* (1985), de Renato Castelo Branco, *Os varões assinalados: o romance da Guerra dos Farrapos* (1985), de Tabajara Ruas e, por último, *Em nome do bispo* (1985), de Zulmira Tavares. Antes de encerrar a longa lista, devemos também ressaltar que o romance histórico *Viva o povo brasileiro* (1984), de João Ubaldo Ribeiro, vigorou na lista dos mais vendidos no ano de 1985, conforme aponta a pesquisadora Sandra Reimão (1996: 84). Em suma, são romances históricos que descortinam a abertura política brasileira, angariando novos horizontes culturais acerca de alguns episódios regionais da história do Brasil.

ção honrosa). Entre os aspectos físicos do livro se destaca a capa dura, estabelecida por Emil Bauch, que apresenta vários escravos negros próximos dos seus afazeres cotidianos, caracterizando uma cena de costumes no Rio de Janeiro de 1858. O romance encontra-se dividido em dez capítulos (identificados por números latinos), que abrem com epígrafes de grandes eruditos da literatura e da história universal. Em suma, o leitor terá que ter fôlego para adentrar nas 530 páginas que compõem essa densa narrativa histórica.

O enredo do romance *A República dos Bugres* compartilha e distribui os acontecimentos históricos oriundos da trajetória imperial de D. Pedro I e D. Pedro II, até as últimas consequências do nosso regime político – sendo caracterizado por uma evocação do espaço determinado. Isto é, a saída de D. Pedro I, o conseqüente Golpe da Maioridade, o longo Segundo Reinado, a Guerra do Paraguai, a fuga de D. Pedro II para a Europa e o golpe militar desencadeado pelo Marechal Deodoro da Fonseca, que originou a Proclamação da República no dia 15 de novembro de 1889. O protagonista do romance é a personagem fictícia Quincas, filho bastardo de D. João VI: basicamente sua vida está estruturada entre uma sequência inicial (a sua infância), uma sequência intermediária (a sua fase adulta) e uma sequência final (a sua velhice). Entre esses acontecimentos, dá-se especial reforço à atmosfera político-social da nação brasileira, ao ambiente da Corte do Primeiro e Segundo Reinados. Figuras históricas reconhecidas por suas grandezas são também reconstituídas por suas fragilidades e conseguem se converter em paradigmas da realidade atual. Na senda desses acontecimentos, Tapioca conduz o leitor a conhecer os principais períodos políticos do Brasil, juntamente com as crises e revoltas de época. No cômputo geral dessas autoridades e dos respectivos acontecimentos teremos as prerrogativas temporais que se ligam por décadas e anos até os dias atuais e fazem com que o leitor possa compreender o Brasil contemporâneo. Dessa forma, o romance descamba para o lado satírico, num discurso em terceira pessoa, assumido por um narrador bastante sarcástico.

Em contrapartida, o romance *Conspiração Barroca* foi publicado em território português no ano de 2008, por meio da editora portuguesa Saída de Emergência⁴. O hiato de apenas seis anos entre ambos os romances não desfavorece o estilo de Ruy Tapioca, mas valoriza-o, para efeitos comparativos. Embora seja pouco explorado no meio acadêmico, o romance possui forte recheio investigativo que pode justificar teses, dissertações, monografias e artigos, perfazendo interesses diversos na área de Ciências Humanas. O livro, ainda inédito no Brasil, foi escrito entre março de 2004 e outubro de 2005, conforme anuncia o autor na p. 326. A diagramação é simples, em papel reciclado, e a encadernação da capa é mole, aumentando as chances de o leitor adquirir o romance. Cabe lembrar que o livro não possui orelha crítica de apresentação, mas possui um longo depoimento

⁴ A Editora Saída de Emergência também possui filial no Brasil. Juntando-se ao grupo da editora brasileira Sextante, em outubro de 2013, é presidida pelos autores, os irmãos portugueses António Vilaça Pacheco e Luís Corte Real. Uma rápida pesquisa / consulta no dia 02/01/2014 no site da Editora Saída de Emergência revela que a quantidade de romances históricos publicados nos últimos anos chegou a 154.

na última capa, contendo algumas informações, que, provavelmente, foram acrescentadas pelo júri do Concurso Nacional de Literatura de Belo Horizonte. Abaixo do código de barras da edição, aparece escrito o gênero: romance histórico.

Em linhas gerais, o enredo de *Conspiração Barroca* gira em torno da temática histórica ocorrida entre os anos de 1785 e 1789, «[...] no tentame de sublevação contra a Coroa Portuguesa que ficou conhecido como Inconfidência Mineira» (TAPIOCA, 2008: 327). Basicamente o lastro temporal é narrado durante quatro anos de acontecimentos históricos, permeados geograficamente por Brasil e Portugal, sendo esses espaços distintos devidamente reconfigurados diante de um painel que obedece à paisagem de época, como já descrevemos no subtítulo da representação do cenário. Historicamente falando, devemos lembrar que foi durante esse paradigmático século XVIII (das descobertas auríferas) narrado pela pena de Tapioca que muitos acontecimentos ficaram assinalados no seu tempo, assim como na penumbra das estantes dos centros de pesquisa. «É a sina dos nacionais desta terra: covardia e cobiça por ouro e pedrinha branca: aqui só se pensa nisso.» (TAPIOCA, 2008: 159). No romance em questão, a história é narrada em terceira pessoa diante de várias perspectivas de visão histórica dos fatos. Sem embargo, desde essa posição privilegiada do narrador, o discurso do romance acaba coadunando com as versões historiográficas sobre a Inconfidência Mineira, como por exemplo, o ensaio *A devassa da Devassa* (1977), do historiador brasilianista Kenneth Maxwell. Com efeito, os variados acontecimentos e episódios – a corrida do ouro nas Minas Gerais, as obras em pedra sabão esculpidas pelo artesão Aleijadinho, os pormenores dos logradouros de época, os mentores da Inconfidência Mineira, o enfoque na vida privada dessas autoridades, o crime de lesa-majestade cometido por Tiradentes, entre muitos outros –, são representados em tom realístico como na *República*. Portanto, um olhar que sondasse as características poéticas e históricas (por efeito comparativo) que preenchem ambos os romances certamente renderia bons frutos.

Desenvolvimento

Remando pelo aspecto semântico e vocabular, tomamos como exemplo apenas duas palavras: *degradados* e *marginalizados*. Estas palavras remam juntas assemelhando o mesmo significado. Sob este ângulo, é sabido que as raízes provêm das palavras primitivas «degrado» e «margem». A nosso ver, a dupla vocabular se inscreve numa melhor designação da representação dos excluídos nos romances *República e Conspiração*. Desse modo, certamente o leitor menos acostumado a narrativas desses modelos poderia acreditar que Tapioca possui muitos preconceitos ao estereotipar algumas personagens de época. Ambas as palavras estão presentes no contexto da literatura brasileira contemporânea, ensejadas pioneiramente por Rubem Fonseca e em romances como *Cidade de Deus* (1997), de Paulo Lins, *Capão Pecado* (2005), de Ferrez, entre outros. Comparando História e Literatura, o crítico Nicolau Sevcenko argumenta que a Literatura seria «[...] o testemunho triste,

porém sublime, dos homens que foram vencidos pelos fatos.» (SEVCENKO, 1999: 21). Em síntese, ofertar voz a esses estereótipos subalternos foi papel preponderante na prosa de muitos escritores, além desses citados.

De acordo com o dicionário Aurélio (1986: 530), a palavra «degredado» se refere àquele cidadão que sofreu pena de degredo, ou seja, que foi desterrado, banido ou exilado. A propósito, é curioso notarmos que no meio linguístico da Língua Portuguesa a palavra não é de uso comum, tampouco no meio acadêmico. Pode ser confundida, na maior das vezes, por «degradado», grafado com a vogal «a». Já o vocábulo «marginalizado» é abrangente, no que respeita ao seu uso pelas camadas populares, pois caracteriza aquele sujeito que está à margem da sociedade. Em suma, a especulação semântica desse vocábulo acrescenta novos valores significativos ao mote aqui desenvolvido neste artigo.

É importante relatarmos que o conceito de «excêntrico» é muito mais antigo. Sabemos que o silêncio desses sujeitos fora rompido há muitas décadas pelo olhar dos interessados numa história mais problematizada – pautada nos aspectos privados da vida de autoridades e sujeitos anônimos –, grosso modo, movimento historiográfico conhecido por *École des Annales*.⁵ A palavra, portanto, alude, mais do que a uma posição de exclusão de fato, a uma semântica ainda difícil de ser delimitada, e não somente nos meios gramaticais e literários. O que interessa ao autor não é simplesmente acomodar as autoridades na sua zona confortável, mas fazer delas instrumento de crítica e sujeição aos reais problemas da nação brasileira. Tendo em vista que poucas autoridades aceitam o enfrentamento desses problemas, Tapioca não mede esforços para angariar possíveis desdobramentos críticos acerca desses adjetivos. Ao desalojar as autoridades históricas do seu pedestal de origem, Tapioca prova em ambos os romances que a história oficial praticada pelos vencedores nem sempre é fruto de aceitação por parte de uma releitura mais crítica e problematizadora. Lamenta o narrador de *Conspiração Barroca*: «Ensina a História que, ordinariamente, [os romances] são circunstâncias econômicas que provocam decisões políticas, raramente o inverso» (TAPIOCA, 2008: 169).

A bem da verdade, as narrativas mestras ou hegemônicas⁶ (François Lyotard) sempre tiveram seu lugar nas categorias de base da história e da literatura. No entanto, esse antigo pressuposto foi sendo revalidado e questionado por algumas considerações importantes. Linda Hutcheon, por exemplo, reformulou esse pressuposto trazendo à baila características que completam o seu interesse de análise: o romance pós-moderno canadense e norte-americano e as respectivas personagens marginalizadas. Sob este aspecto, sujeitos como homossexuais, negras, de classes sociais desfavorecidas, perfazem o mote do sujeito marginalizado, conforme aponta Hutcheon (1991). Portanto, na medida em que o novo romance histórico se aproveita desse manancial para explorar as representações excêntricas do século XXI, o romancista também realiza um filtro mais democrático em relação à sociedade como um todo.

⁵ Ver BURKE, 1990.

⁶ Ver LYOTARD, 1984.

A bem da verdade, o apanhando da representação desses excêntricos, por parte de Tapioca, conduz o leitor a ampliar seu leque argumentativo do discurso histórico. Em consequência, o leitor acaba aceitando o contrato de representação exposto pelo autor, condicionando a sua leitura para também identificar as possíveis angústias dessas personagens. Uma questão brota: será que podemos tecer de forma factual, com base nos documentos, as imperfeições dessas personagens? A resposta não é simples. De certa forma, a conjuntura de imperfeições dramatizadas por essas personagens ajuda o leitor a verificar que a história nem sempre apresenta o passado com seus defeitos e problemas. Sem dúvida, o arsenal mediano de ações praticadas por esses coadjuvantes desemboca num violento jogo de disputa acerca das precárias condições vividas durante o desenvolvimento da narrativa histórica. Em suma, ao fornecer novas interpretações das características dessas personagens, Tapioca insere um novo dilema na história oficial: o incremento de problemas numa história que há décadas buscava uma perfeita harmonia e idealização.

A galeria de excêntricos na literatura brasileira é extremamente fértil – desde os romances das primeiras décadas até a nossa contemporaneidade –, seja nas narrativas tradicionais seja nas históricas, perfilando vilões e mocinhos de diferentes estirpes, sem muitos predicados abonadores, como por exemplo a personagem Leonardinho Pataca, protagonista de *Memórias de um Sargento de Milícias*⁷, o histórico Antônio Conselheiro de *Os Sertões* de Euclides da Cunha, Macunaíma, protagonista do romance homônimo de Mário de Andrade, a Oribela de *Desmundo*, de Ana Miranda⁸, dentre muitos outros. Essas personagens são figuras comuns e anônimas que contaminaram as páginas de muitos romances no Brasil.

Alguns pesquisadores, como é o caso de Laura de Mello e Souza (analisando os escritores Antonil e Teixeira Mello que identificaram a presença de vadios), vão apontar que esse surgimento já tivera seus pressupostos na literatura colonial brasileira. A autora assevera que «os homens livres, pobres expropriados e sem ocupação fixa povoaram as Memórias, as Instruções, as Crônicas coloniais com maior frequência do que se considera habitualmente» (SOUZA, 1983: 9). A par desses marginalizados, grupos minoritários ou degradados, fora dos centros de poder, se assim podemos chamá-los, é possível verificar que os excluídos foram ganhando voz e completando suas ações dentro das narrativas publicadas nas últimas décadas.

No seu estudo *Pode o subalterno falar?* (2010), a crítica Gayatri Spivak salienta a importância do intelectual como agente criador de espaços, por meio dos quais os sujeitos que se encontram na condição de subalterno podem também representar com suas palavras, assim como serem ouvidos pelas autoridades ou por aqueles que se encontram na condição de superiores. Com efeito, o ensaio merece ser apreciado pelo que indicia quanto ao con-

⁷ Através da expressão «percalços dos remediados», o crítico Silviano Santiago esboça um profundo painel acerca desses sujeitos que estão à margem da sociedade no romance *Memórias de um Sargento de Milícias*. Ver: SANTIAGO, 1983.

⁸ A esse respeito ver OLIVEIRA, 2014.

teúdo de análise de obras teóricas, seja como referência indispensável aos estudos literários, seja pela combinação de reflexões no contexto dos estudos culturais. Dentro dessas formulações estabelecidas pela pesquisadora, podemos voltar ao tempo, interpretar e verificar que o espaço criado por Ruy Reis Tapioca fica aberto às críticas estabelecidas em relação à realidade nacional, ou seja, funciona de forma íntegra e conscientizadora, como abertura progressiva aos sujeitos subalternos. Em termos práticos, são discursos reformadores praticados pelo autor que possuem seus pressupostos teóricos em sociólogos, críticos literários e historiadores como Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro, Mário de Andrade, Paulo Prado, Florestan Fernandes, Octavio Ianni, para citar apenas alguns.

Há muitos fragmentos estabelecidos no romance *República* que sumariamente podem ser descritos por esses segmentos⁹. São eles: a crítica às forças armadas brasileiras e portuguesas (várias vezes o narrador provoca uma reflexão sobre esses fatos e os compara com a defasagem militar atual brasileira e portuguesa); a crítica ao jeitinho brasileiro e à dificuldade de o brasileiro compreender as regras (o narrador chega a utilizar o emprestado vocábulo «anomia», do sociólogo francês Émile Durkheim, para justificar a dificuldade do brasileiro em respeitar as leis); a crítica à hierarquia social dentro da sociedade do século XIX, em especial no âmbito das instituições públicas de época (o narrador constrói uma crítica ao nosso esqueleto econômico-social contraditório); a crítica à corrupção política e às artimanhas das autoridades para burlar as regras (em vários momentos o narrador ou as personagens constroem desabafos sobre o vicioso sistema colonial); a crítica à nossa precária colonização, com destaque para as rivalidades ancestrais entre portugueses e brasileiros; enfim, percebe-se uma ampla conjuntura que alberga todas essas características coloniais marcantes no romance.

De quem nos fala, então, Ruy Reis Tapioca ao compor *República e Conspiração* quando precisa enxergar e lançar luz sobre personalidades da história brasileira? Nos fala de pobres, miseráveis, negros, filhos bastardos, excluídos, malandros, pícaros, trapaceiros, falsificadores, corruptos, homossexuais. Enfim, quais seriam esses estereótipos esquecidos ou negligenciados pela história oficial? Será que o autor utiliza-os para dar voz às denúncias e aos descasos praticados? Uma resposta cabível ou hipotética pode ser conferida nas palavras de Malard (1996: 145): «seus heróis tipicamente brasileiros são heróis fracassados». Ora essa hipótese serve nitidamente para aludir à perspectiva de muitos romances históricos publicados na década de 1980 e 1990, segundo esta pesquisadora¹⁰. Esquecida ou negligenciada, o certo é que a história ficcionalizada de Tapioca angaria novos rumos a esses

⁹ Na introdução do clássico *Formação do Brasil Contemporâneo* (1998), o historiador Caio Prado Junior esclarece algumas questões dos problemas que a nação brasileira vem enfrentando há aproximadamente 150 anos. De acordo com Caio Prado Junior, «os problemas brasileiros de hoje, os fundamentais, pode-se dizer que já estavam definidos e postos em equação há 150 anos. E é da solução de muitos deles, para que nem sempre atentamos devidamente, que depende a de outros em que hoje nos esforçamos inutilmente» (PRADO JUNIOR, 1998: 15).

¹⁰ É Interessante notarmos que a pesquisadora Letícia Malard participou do júri (conforme consta na orelha do livro) que concedeu o prêmio Guimarães Rosa ao romance *A República dos Bugres*, de Ruy Tapioca.

sujeitos, remetendo importância a suas ações e acontecimentos, tão pouco explorados por outros romancistas.

Na opinião da pesquisadora Maria Cristina Pons, o romance histórico na atualidade possui a tendência de representar o «[...] lado anti-heroico, o anti-épico de la Historia; muchas veces el pasado histórico que recuperan no es el pasado de los tiempos gloriosos ni de los ganadores de la puja histórica, sino el pasado de la derrotas y fracasos» (PONS, 1996: 17). Em vista disso, os degradados esquecidos da história brasileira, como é o caso de Quincas ou do negro Maurício, para exemplificar os principais em ambos os romances, são figuras que também contracenaram cenas importantes dos episódios da nossa nacionalidade. Nas palavras do narrador de *Conspiração*: «o escravo Maurício acabara de atar um escopro num dos cotos estropiados de mestre Lisboa, e preparava-se para fazer o mesmo com um cinzel no outro, quando o entalhador ordenara ao escravo [...]» (TAPIOCA, 2008: 49).

Nada escapa à escritura de Tapioca, especialmente a representação da fisionomia das autoridades da época. Desse modo, não estamos insistindo que Tapioca use e abuse de rastrear as feições mais caricaturais dessas autoridades, revelando sempre o profundo descompasso da realidade ensejada nos livros didáticos, de uma história quase sempre problemática, mas é possível verificarmos que seu texto representa uma profunda crítica avassaladora à história nacional da época. A esse respeito, o crítico David Loventhal corrobora: «mesmo em sociedades modernas cujo aprendizado é feito por meio de livros, o passado para a maioria é em grande parte caótico e episódico, uma miscelânea de personagens e acontecimentos cronologicamente desconhecidos ou erroneamente ligado» (LOVENTHAL, 1998: 120).

Em ambos os romances, Tapioca figura o destino transparente de homens medianos e, por meio dessa representação, visa mostrar que os atores históricos nem sempre podem ficar no pedestal, nas estátuas e nos quadros dos grandes museus. Lukács faz essa observação em relação à fortuna romanesca de Walter Scott, que podemos tomar como analogia: «Walter Scott não estiliza essas personagens históricas, não as coloca em um pedestal romântico, mas retrata-as como pessoas dotadas de virtudes e fraquezas, de boas e más qualidades» (LUKÁCS, 2010: 63).

Devemos salientar que a postura não romântica adotada por Tapioca já foi devidamente endereçada pelos romancistas históricos antecessores. Dentro desse arcabouço reflexivo crítico nada fica de fora, nem mesmo as forças armadas que lutaram na Guerra do Paraguai. É importante assinalarmos, por leve analogia, que o escritor José Saramago, no seu romance *Memorial do Convento*, também não idealiza as forças armadas de Portugal; ao contrário, coloca o protagonista Baltazar Sete Sóis extremamente sujo e encardido, para representar o exército português. Segundo o próprio autor, sua paixão por esse tipo de literatura foi estimulada pela leitura e releitura no ano de 1995 desse livro de Saramago. Se o hábito faz o monge, é possível que após a leitura desse romance, o autor baiano tenha

se entusiasmado para compor romances históricos que pudessem iluminar muitos fatos de época no Brasil. Mera coincidência ou não, Tapioca consegue fazer quase o mesmo na *República dos Bugres*, como se verifica na representação dos militares que estavam à frente da batalha do Tuiuti, na Guerra do Paraguai, no ano de 1866: «teus homens têm mau aspecto, alferes. Já comeram alguma coisa hoje? – perguntou o oficial, preocupado com a má aparência daqueles negros esqueléticos, caras de esfaimados, uniformes rotos e salpicados de lama.» (TAPIOCA, 1999: 151).

A essa altura, uma digressão acerca das autoridades esboçada por Tapioca pode ser refletida e questionada. Seja na pele de D. João VI, da rainha D. Maria I, de D. Pedro I e II, de Carlota Joaquina, de Tiradentes ou Aleijadinho, seja na representação dos militares daquele período, os vultos do passado apresentados nos romances *A República dos Bugres* e *Conspiração Barroca* não são colocados sob um monumento de consagração e admiração, mas questionados acerca das performances que foram idealizadas no campo da história. Em outras palavras, uns são cultuados como heróis (de acordo com as suas imperfeições), outros cultuados como anônimos (diante também das suas imperfeições). Ao recuperar figuras e eventos totalmente marginalizados, ignorados e desconhecidos, Tapioca tira da manga o lado obscuro da História que ainda não tinha sido revelado. De acordo com o pesquisador Antônio Esteves, a busca pela leitura de romances históricos na atualidade seria gerada pelo gosto dos leitores na «[...] busca de heróis, mitos ou outros modelos nos quais possamos enxergar melhor nossa própria realidade» (ESTEVES, 2008: 63). São raras as vezes em que os traços gerais dessas autoridades descritas pelo narrador são esmiuçados através de um aprofundamento psicológico. Nessa manobra, as imperfeições, os vícios desgastantes, os problemas, os defeitos, são formulados, visando apresentar as principais incongruências da nação brasileira.

Um exemplo nítido desse questionamento profético está localizado na p. 210 do romance: «imaginem se daqui a cem anos os brasileiros descobrissem que Dom Pedro, o atual sucessor da Coroa Portuguesa, tinha uma avó louca, um pai corno e uma mãe puta! E tudo isso ao mesmo tempo» (TAPIOCA, 1999: 210). Como observamos nesse fragmento, Tapioca delega a um dos personagens uma triste reflexão acerca do futuro incerto e talvez calculado das autoridades da Corte Portuguesa. De igual modo, o autor equaciona o ar profético que interage nas categorias temporais do passado, presente e futuro, demonstrando que os acontecimentos históricos também criam um efeito diagnóstico do futuro imediato. Em suma, a percepção das imperfeições traçadas pelo autor baiano faz com que o leitor compreenda que as generalizações românticas traçadas pelos historiadores clássicos são passíveis de serem obstruídas.

É sabido que no período histórico da Inconfidência Mineira existiu um profundo afronto entre os negros escravos e os brancos portugueses colonizadores, traduzido em revoltas, brigas, ciúmes, sentimentos avessos, entre outros. Inconformados pelos impostos cobrados (Quinto e depois a Derrama) desenfreadamente pelo Império Português vigente,

sobre o ouro que era extraído, intelectuais, artistas, comerciantes, clérigos, fazendeiros, mineiros de época, se reuniram para questionar tais cobranças. Estes sempre tinham que manter o comportamento na retaguarda das ações e acontecimentos. Ao contrário dos brancos portugueses, os negros eram obrigados a ficar de fora das formalidades da administração colonial, tratados de forma desumana, sendo sempre excluídos de qualquer decisão política ou de cunho religioso. Dessa maneira, a disputa pelo ouro no território de Minas Gerais¹¹ – Mariana, Ouro Preto, São João del-Rey e Tiradentes – fez gerar profundas desigualdades sociais, assim como a cobiça, a angústia pelo dinheiro, de modo a colocar negros e brancos na disputa desigual da riqueza aurífera. Dentre várias passagens que podem ser extraídas do romance *Conspiração*, isso fica bem nítido na tentativa do negro forro Orosimbo, quando esconde uma pedra de ouro no próprio corpo, como frequentemente acontecia naquele período, gerando complicações de várias ordens. Observem-se as palavras do narrador: «O negro Orosimbo fora capturado por uma patrulha do Quilombo Novo do Ouro Podre, com duas pedrinhas costuradas na bainha dos calções. A última estava no bucho [...]» (TAPIOCA, 2008: 54).

Em última análise, ao dar voz aos despossuídos e excêntricos, àqueles cujos projetos nunca se concretizaram na íntegra, àqueles que estavam à margem dos acontecimentos históricos, o escritor Ruy Tapioca traz à tona representações raramente trabalhadas pelos historiadores tradicionais. Dessa forma, os marginalizados possuem diversas vontades no desenvolvimento da narrativa, perfazendo, muitas vezes, o interesse de uma autoridade, mas ganhando na confiança e nas participações. É interessante notarmos que essa questão já foi refletida e trabalhada por vários pesquisadores, boa parte das vezes com base nos pressupostos de Linda Hutcheon, como é o caso da pesquisadora Maria de Fátima Marinho. Ao examinar o contexto dos romances históricos portugueses, a autora sublinha que, «na ficção das últimas décadas, os marginais assumem um papel diferente, embora não menos importante: a focalização é-lhes por vezes atribuída, modificando o sentido canônico da história» (MARINHO, 1999: 23). Ora, o contraste apontado por Marinho, acerca das disparidades entre o romance histórico tradicional e o romance histórico pós-moderno, é referenciado pela ênfase dos sujeitos que estão à margem do enredo dos livros tradicionais da história. A referida citação parece problematizar os mestres canônicos que sempre tiveram suas obras agraciadas e passam agora a ser questionados quanto a sua real valoração. Portanto, o olhar da autora é extremamente pertinente, pois concorda com outros autores que defendem a mesma linha de raciocínio.

¹¹ O pesquisador John Bury registra, com alguns importantes comentários, o auge dessa produção na arquitetura e construção das várias igrejas em algumas cidades de Minas Gerais. Nas suas palavras, «o ouro de Minas Gerais foi descoberto por volta de 1690, mas as mais antigas capelas conservadoras na região datam das primeiras décadas do século XVIII. [...] Segue-se um período de quarenta anos, em que a produção aurífera atingiu em Minas seu ponto máximo e testemunhou a construção das grandes igrejas matrizes de Vila Rica, Antônio Dias, Mariana, Sabará, Congonhas do Campo, São João Del Rei e Barbacena, todos centros urbanos em fase de rápido crescimento» (BURY, 2006: 109).

Algumas conclusões

Poderíamos multiplicar as leituras teóricas feitas sobre a perspectiva dos excluídos na prosa histórica contemporânea, especialmente aquelas leituras oriundas do primeiro decênio do século XXI; todavia não é o nosso desejo desdobrar por meio de outras páginas o objetivo deste breve artigo. O desenvolvimento da representação dos excluídos por parte de Tapioca ultrapassa os artefatos da verdadeira roupagem e da decoração. Diante do exposto, podemos concluir que a representação dos excluídos, na prosa do autor baiano, especialmente nos romances aqui tratados, funciona como propulsor estético para apresentar a história vexatória das nações portuguesa e brasileira. Posta em relevo por estudos de distintas correntes, como sumariamente aqui foi apresentado, a representação dos excluídos ainda poderá revelar muitos desafios à crítica literária no Brasil e no exterior. Veja-se a seguinte passagem do narrador de *A República dos Bugres*: «Pudesse eu contar a história real dos fatos e acontecimentos, tal como efetivamente sucederam, e não como relatada nos fólios oficiais [...] onde nobres de fraco caráter são exibidos como heróis destemidos, putíssimas senhoras da Corte são apresentadas como virtuosas damas [...]» (TAPIOCA, 1999: 30). Aqui se ilumina o contexto dos excluídos de muitos outros romances históricos. Desse modo, é lícito afirmarmos que os enredos dos romances *República e Conspiração* colocam em xeque a figura de personagens subalternos, questionando a história oficial. O somatório das observações dialogadas nesse artigo, sem esgotar o manancial de leitura de ambos os romances, pode constituir fator crucial para que muitos pesquisadores desvendem outras possibilidades de investigação e pesquisa.

Referências

- BURY, John (2006) – *Arquitetura e arte no Brasil colonial*. Org. de Myriam Andrade Ribeiro. Brasília: IPHAN / Monumenta.
- BURKE, Peter (1990) – *A escola des annales (1929-1989)*. São Paulo: Editora Unesp.
- ESTEVES, Antônio Roberto (2010) – *O romance histórico brasileiro contemporâneo (1975-2000)*. Assis: UNESP.
- FRED, Wilton Cardoso de Oliveira (2005) – *Imaginários de nação no romance brasileiro contemporâneo: «Os rios inumeráveis» e «A República dos Bugres»*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC.
- HUCTHEON, Linda (1991) – *A poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago.
- HOLLANDA, Aurélio Buarque (1998) – *Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- LOWENTHAL, David (1998) – *Como conhecemos o passado*. São Paulo: Projeto História (17).
- LUKÁCS, Gyorgy (2010) – *O romance histórico*. São Paulo: Boitempo.
- LYOTARD, Jean-François (1984) – *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio.
- MARINHO, Maria de Fátima (1999) – *O romance histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- MALARD, Leticia (1991) – *Romance e História*. «Revista Brasileira de Literatura Comparada». Rio de Janeiro. 1, p. 143-151
- OLIVEIRA, Cristiano Mello de (2014) – *Aspectos coloniais. A opressão do feminino na obra «Desmundo» de Ana Miranda*. «Revista Expressão». Santa Maria.
- PONS, Maria Cristina (1996) – *Memorias del Olvido. Del Paso, García Márquez, Saer y la novela histórica de fines del siglo XX*. México, DF: Siglo Veintiuno Editores.
- PRADO JUNIOR, Caio (1998) – *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense.
- REIMÃO, Sandra (1996) – *Mercado editorial brasileiro*. São Paulo: FAPESP.

- SANTIAGO, Silviano (1983) – *Imagens do remediado*. In SCHWARZ, Roberto, org. – *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, p. 31-34.
- SCHWARZ, Roberto, org. (1983) – *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- SEVCENKO, Nicolau (1982) – *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense.
- SOUZA, Laura de Mello (1983) – *Notas sobre os vadios na literatura colonial do século XVIII*. In SCHWARZ, Roberto, org. – *Os pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, p. 9-12.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty (2010) – *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG.
- SILVA, Eduardo (1997) – *Dom Obá II D'África, o príncipe do povo. Vida, Tempo e Pensamento*. São Paulo: Companhia das Letras.
- TAPIOCA, Ruy Reis (1999) – *A República dos Bugres*. Rio de Janeiro: Rocco.
- ____ (2008) – *Conspiração Barroca*. Lisboa: Saída de Emergência.
- WEINHARDT, Marilene (2008) – *A longa duração na ficção contemporânea*. In *XI Congresso Internacional da ABRALIC*. São Paulo: 13 a 17 de julho.